

ANÁLISE DO DISCURSO E ESTUDOS RETÓRICOSⁱChristopher Eisenhartⁱⁱ
Barbara Johnstoneⁱⁱⁱ

Visão global

Rhetoric in Detail reúne 12 estudos escritos por pesquisadores que se definem, principalmente, como retóricos que empregam teoria e/ou método da Análise do Discurso linguística. Esses estudos fazem uso de uma variedade de recursos de análise analítica, incluindo os da Análise Crítica do Discurso, da Sociolinguística Interacional, da Análise Narrativa e da análise de *corpus* informatizado. Eles ilustram a utilidade da Análise do Discurso em uma variedade de *sites* retóricos, incluindo os discursos da memória pública e da identidade coletiva, a retórica da ciência e da tecnologia, da argumentação vernácula, do discurso midiático, e dos estudos de imigração. O método que esses projetos compartilham entre si ancora-se na especial atenção dada aos detalhes linguísticos dos registros de discurso, sejam eles textos escritos ou transcrições de fala.

Os autores adotam, geralmente, uma abordagem interpretativa qualitativa e interpretativa, mas que difere das abordagens frequentemente adotadas em estudos retóricos, na medida em que ela é orientada mais na direção do *corpus* do que na das teorias. Trabalhando a partir de instâncias de texto e de discursos orais particulares e situados, e não a partir de modelos abstratos de discurso, eles escolhem abordagens sistemáticas para explorar por que determinados enunciados tomam as formas específicas que eles têm.

A abordagem em questão parte de uma atitude sintonizada com múltiplas fontes de coerção contextual, e não a partir da teoria e da busca de torná-la evidente. Embora os estudos dos capítulos tratem de várias questões retóricas de modos variados, todos eles partilham entre si três características metodológicas: eles são *empíricos*, no sentido de que se baseiam em observação e não em introspecção; eles são *etnográficos*, na medida em que buscam entender os funcionamentos

ⁱ N.T.: Este artigo é a tradução do capítulo 1, “Discourse analysis and rhetorical studies” (p. 3-21), introdutório à obra *Rhetoric in detail: discourse analyses of rhetorical talk and text*, organizado por Barbara Johnstone e Christopher Eisenhart, 2008, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.

A parte final do capítulo (que contém os subtítulos *Chapter themes* e *The intellectual history of this book*) não foi traduzida para o português, em razão de se tratar da apresentação dos artigos reunidos na obra acima citada.

This paper is a translation of chapter 1, “Discourse analysis and rhetorical studies” (p. 3-21), the introductory work to *Rhetoric in detail: discourse analyses of rhetorical talk and text*, organized by Barbara Johnstone and Christopher Eisenhart, 2008, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.

The final part of the chapter (which contains the subtitles *Chapter themes* and *The intellectual history of this book*) has not been translated into Portuguese because it concerns the presentation of articles gathered in the work cited above.

ⁱⁱ Docente da University of Massachusetts Dartmouth (UMass), Estados Unidos. E-mail: ceisenhart@umassd.edu.

ⁱⁱⁱ Docente da Carnegie Mellon University (CMU), Estados Unidos. E-mail: bj4@andrew.cmu.edu.

retóricos do discurso e de seu contexto por meio dos olhos e mentes das pessoas envolvidas neles; são *fundamentados*, retornando repetidamente aos dados, porque constroem uma teoria que dê conta deles.

Originários de uma heurística analítica em vez de um quadro teórico preexistente, esses estudos ilustram o potencial da construção de uma teoria, baseada no discurso e guiada pela observação, para os estudos retóricos e críticos. Como o foco da retórica se estende a partir do planejado na direção do espontâneo, e do público para o privado, os retóricos reconhecem a necessidade de novos métodos, e vão encontrar alguns ilustrados no livro.

Os analistas do discurso podem também descobrir algumas novas ferramentas. Os primeiros teóricos do discurso na tradição intelectual greco-romana foram os filósofos e os sofistas que descreveram e ensinaram o falar em público aos cidadãos, cujas vozes se materializavam numa recém-democrática Atenas do século V a.C, e os autores cujo trabalho aparece no livro representam o revigoramento dessa tradição, especialmente na América do Norte, na "nova retórica" do século XX.

Com novas maneiras, muitos desses estudos baseiam-se em ferramentas analíticas tradicionais da retórica - figuras de linguagem, *topoi*, linhas de argumentação, invenção e estilo, *ethos*, *logos* e *pathos* -, mostrando como eles podem informar e serem informados pela atenção que dão os analistas de discurso à forma como o léxico e a sintaxe podem evocar estilos, gêneros, textos e oradores prévios e, assim, criar relações sociais e mundos experienciais nos discursos oral e escrito.

Métodos e problemas nos estudos retóricos na América do Norte

Os retóricos sempre utilizaram uma abordagem inclusiva para o método analítico. Além de usarem o vocabulário analítico da

retórica clássica, os praticantes emprestaram e adaptaram métodos provenientes de outras disciplinas, tomando, por exemplo, como base intuitiva, o raciocínio da filosofia baseado na intuição, e as técnicas de *explicações de texto* e uma variedade de perspectivas crítico-teóricas da literatura e da teoria sociológica.

Essas ferramentas foram desenvolvidas para responder a perguntas a respeito dos gêneros, cuidadosamente planejados e frequentemente institucionais, que foram o objeto principal da crítica retórica. Entretanto, o foco de atenção dos retóricos está se expandindo da esfera pública para a privada, da retórica oficial para a retórica vernacular, da oratória para o discurso escrito e para a multimídia, do discurso cuidadosamente elaborado para o discurso espontâneo que emerge das situações retóricas fugazes do cotidiano.

Hoje em dia, não queremos apenas saber a respeito da retórica da política mas também da retórica da história e da retórica da cultura popular; não apenas da retórica da esfera pública mas também da retórica da rua, do salão de cabeleireiro ou da internet; não apenas a respeito da retoricidade do argumento formal mas também da retoricidade da identidade pessoal. Para responder a essas novas preocupações e a esses *sites*, precisamos continuar a complementar os modelos tradicionais de trabalho com novas técnicas de análise da linguagem do texto e da fala, e também com meios para descrever os contextos socioculturais e materiais do discurso.

Desde muito tempo, como na Conferência Wingspread, em 1970, avaliações sobre a saúde da retórica como disciplina salientaram a ampliação, o aprofundamento do objeto de estudo retórico, e a necessidade de métodos apropriados e conceitos estruturais para explorar esse objeto. No decorrer dessa conferência (BITZER e BLACK, 1971), particularmente nos artigos de Becker, Brockriede e Henry Johnstone, que discutem

as tendências na área, foi observado que o *momentum*¹ na retórica está se deslocando de um diádico orador-auditório, modelo de estudo orientado a textos, para os estudos de processos de comunicação e interações, situados e constituídos em ricos contextos do mundo real.

Análises retóricas e críticas já não estavam sendo aplicadas apenas a obras históricas, mas também a comunicações contemporâneas. Estudos retóricos não enfatizavam apenas as situações de falas institucionalizadas, mas, cada vez mais, estavam voltados a experimentos, à interatividade e aos gêneros discursivos do cotidiano, e a outros estudos de construção de sentido como atividades situadas.

Como Brockriede (1971) observou, essa trajetória exigiria a flexibilidade conceitual e metodológica necessária para "deixar a operação em si [sob estudo] sugerir suas próprias categorias analíticas", enquanto mantém, de modo vigoroso, conexões com a investigação teórica estabelecida, de modo a não se tornar isolada e trivial. Essa trajetória na disciplina, reconhecida novamente em reflexões mais recentes (cf. BENSON, 1993; ENOS e McNABB, 1996; GROSS e KEITH, 1997; CHERWITZ e HIKINS, 2000; SCHIAPPA *et al.*, 2002; SIMONS, 2003), tem exigido o desenvolvimento de quadros conceituais e metodológicos que vão mais longe, embora não totalmente independentes daqueles já institucionalizados, como os de Burkean e Neo-Aristotélico.

Onde essas abordagens tradicionais da crítica retórica têm sido discutidas como heurísticas para invenção e interpretação, e como métodos de análise sistemática (NOTHSTINE *et al.*, 1994), alguns retóricos têm se voltado para a análise linguística do discurso por essa desejada flexibilidade conceitual e metodológica.

Tracy (2001) descreve as conexões que emergiram entre os estudos de Comunicação e de Análise do Discurso. Estudiosos em retórica e em estudos de composição também fizeram apelos para a inclusão de métodos analíticos de discurso. MacDonald chamou de estudos do discurso "os campos interconectados de retórica e composição e Linguística Aplicada" (2002). Barton (2002) sugeriu que os estudos de composição pudessem se beneficiar das abordagens analíticas do discurso, particularmente em "conexões entre textos e contextos, com um foco no uso repetido de características linguísticas..., e convenções associadas que estabelecem o seu sentido e significado no contexto" (285). Uma maneira de descrever a contribuição que a obra *Rhetoric in detail* traz é saber que, em termos de um conjunto de questões gerais, são atuais e férteis para a construção da teoria retórica: contexto, agentividade, e a relação entre estilo e argumento.

Na discussão a seguir, nós esboçamos trajetórias dentro dessas questões que visam a análises de discurso fundamentadas, que demonstram como retóricos têm e podem ainda beneficiar-se das abordagens analíticas do discurso.

Contexto e agentividade

Entre as práticas disciplinares mais fundamentais da retórica está o estudo do discurso em contexto. Em seu tratado sobre a retórica, Aristóteles discutiu os componentes de uma situação de fala e, de forma bem clara, estabeleceu a conexão da retórica com os discursos público e cívico. A limitação ao discurso cívico que a retórica se impôs já passou, mas não a sua premissa central de que o discurso deve ser modelado pelo contexto.

Semelhantemente fundamental é o interesse da retórica quanto ao poder e às escolhas que um retor (orador ou escritor) traz para uma situação dada. Algumas definições

¹ NT: momentum,i: movimento; mudança.

de discurso retórico distinguem-no, principalmente, pela suposição de que o discurso é aquele que pretende efetuar uma mudança, tendo a capacidade de mudar a situação para a qual foi designado. Portanto, a agentividade é uma característica essencial dos espaços em que são tratados os problemas retóricos.

Leff, por exemplo, discute a agentividade como fonte de tensão entre as concepções Iluministas do *eu* e as críticas pós-modernas dessas concepções na tradição sofística e ciceroniana que ele renomeia de “retórica humanista”: a abordagem humanista implica uma noção de agentividade produtivamente ambígua, que posiciona o orador, ao mesmo tempo, como um indivíduo que conduz o auditório e como membro de uma comunidade moldada e condicionada pelas exigências do auditório... [Essa tradição pode] incluir uma atitude suspeita quanto à teoria abstrata, não somente no que diz respeito à retórica, mas também à ética e à política; a convicção de que o discurso, especialmente aquele que permite a discussão de ambos os lados de uma questão, desempenha um papel constitutivo na vida cívica; uma valorização e idealização da eloquência que implica uma estreita ligação entre eloquência e virtude; e uma concepção de virtude que é decisivamente ligada à atividade política (LEFF, 2003, p. 135, 136).

A tentativa de definir e de estudar os espaços retóricos e as tensões entre a agentividade retórica presumida e as restrições de contexto reconhecidas tem provado ser um dos mais produtivos problemas teóricos da retórica contemporânea (cf. BITZER, 1968; VATZ, 1973). E é em relação a esse espaço de questionamento que os estudos retóricos se engajaram no desafio de descrever a interação de agentividade retórica e contexto. Nas últimas décadas, o trabalho advindo da teoria da esfera pública de Habermas (1989) permitiu uma maneira produtiva de pensar sobre essa intersecção. Nos estudos retóricos, a

preocupação central é o estudo do discurso concreto, do discurso de um agente na esfera pública, como Hauser escreveu:

Na melhor das hipóteses, a retórica da democracia é impura segundo os padrões Iluministas da razão. Consequentemente, alguns pensadores, como Habermas que foi um dos defensores mais leais do discurso como ponto de ancoragem conceptual da democracia, consideraram problemáticos os impulsos estratégicos da retórica.

Mas excluir os processos retóricos de nossa apreciação do diálogo contínuo da democracia também exclui a agentividade pela qual as decisões democráticas são tomadas. Antes que possamos reabilitar a vida pública, devemos primeiramente compreender o modo como ocorrem, de fato, as suas formas de discurso.

Caso contrário, qualquer crítica ou recurso que propusermos será totalmente de ordem analítica, produzindo conclusões que resultam, logicamente, de hipóteses *a priori* a respeito dos padrões racionais/ideológicos de um acordo “válido”, mas que falta um referente empírico no método discursivo vigente a que os membros da esfera pública recorrem (HAUSER, 1999, p. 273).

O programa positivo de Hauser, então, consiste em adotar uma atitude empírica no estudo do modo como os retores agem na esfera pública, valorizando o estudo dos discursos vernaculares em detrimento das generalizações teóricas baseadas na leitura solitária dos discursos institucionais. Isso está em ressonância com a advertência de Asen (2004), que sugere desenvolver um sentido de cidadão democrático que se desloca “do *que* constitui a cidadania para o *como* a cidadania se realiza”, e com a advertência de Simons (2000) de “mover-se para o particular, o local, o único - para uma teoria do evento específico – a partir do que se poderia, então, derivar um sentido de limites, possibilidades e o

compromisso envolvido na escolha dessa opção em vez de outra" (p. 448-9).

Ilustrando essa busca, Johnstone (1996) utiliza a Análise de Discurso para investigar como o complexo da agentividade retórica e do contexto é constituído no discurso, e McCormick (2003) concentra-se nas análises retóricas dos discursos vernaculares que poderiam se beneficiar da Análise Crítica do Discurso (ACD).

Estilo e Argumento

Ao longo de sua história, o forte relacionamento da retórica com o estilo tem se retraído e se expandido com o apoio de outras disciplinas. O escopo desse perpétuo interesse no estilo mudou, é claro. Grande parte do conflito entre as tradições sofistas e platônicas/aristotélicas girava em torno da importância do estilo e do papel do estilo como um componente central na prática retórica, no ensino e na teoria. Durante a Idade Média, quando filósofos, como Ramus, consideravam a invenção ser o reino da dialética e da filosofia, a retórica mantinha uma posição como arte de estilo controlado, juntamente com a elocução (CONLEY, 1990).

Mais recentemente, a “nova” retórica, da metade do século XX (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1969), pode ser posta em destaque, em parte, por seu interesse no estilo como constitutivo, mais do que meramente ornamental. Diversos desenvolvimentos conceituais, que não foram muitos nesse período enquanto disciplinarmente aderentes, marcam a atitude retórica atual em direção ao estilo. Tratamentos burkeanos sobre a metáfora (BURKE, 1945, 1950), por exemplo, partem, de forma mais dramática, da discussão aristotélica (1991) de metáforas como outros nomes, para uma apreciação do trabalho de tomada de conhecimento da metáfora e da natureza essencialmente metafórica das práticas retóricas.

Estudos retóricos de estilo deveriam incluir níveis de análises em que os estudos do discurso pudessem prover informações, envolvendo também as ressonâncias pelas quais o estilo permanece uma preocupação proveitosa aos estudos retóricos (MACDONALD, 2002). Herndl, Fennell e Miller (1991) demonstram a necessidade de estudar os textos em vários níveis (linguístico, semântico, argumentativo), para envolver adequadamente tanto a evidência quanto a estrutura crítica do discurso.

Em análises retóricas de discursos políticos, as preocupações com o estilo são muitas vezes associadas a uma força constitutiva. Vários estudos seguiram a discussão de grande influência de Charland (1987) sobre como as escolhas linguísticas em textos políticos significativos constituem agentes e comunidades agentivas. Um exemplo recente é o estudo de Cordova (2004) sobre uma campanha populista porto-riquenha de meados do século XX.

O interesse retórico na invenção – a descoberta e a criação de argumentos e, mais geralmente, a produção de significado – tem sido tanto parte de seus fundamentos quanto, durante alguns períodos de sua história, banido de sua disciplina. Estudos retóricos contemporâneos têm renovado o interesse na invenção (YOUNG e LIU, 1994), tanto em relação aos estudos da composição quanto em termos da retórica epistêmica, ou no estudo de como o significado ou o conhecimento é feito via processos retóricos.

Vários estudos têm defendido métodos analíticos de discurso para analisar como se comporta a invenção nas aulas de redação (SPERLING, 1994; HODGES, 1994) e alguns focos nas características micro-retóricas que ocorrem nesses momentos, como oportunidades para estudar a invenção na sala de aula e na escrita pedagógica (HILLOCKS, 1994; STRAUSS e XIANG, 2006).

Além de conectarem o retor à comunidade, muitos retóricos e estudiosos de

comunicação têm utilizado a intersecção de estilo e argumento como uma maneira de caracterizar o discurso retórico e os tipos de práticas. A classificação aristotélica de discursos públicos como judiciário, epidítico e deliberativo não só incluía componentes dos tipos de apelos que estavam sendo feitos (e os tipos de provas em que eles operavam), mas também discutia as expectativas das características estilísticas que tipificariam cada modalidade. Essa tradição persiste nos estudos de gênero ou tipificação, muitas vezes através de uma combinada atenção de estilo e argumento. Os trabalhos de Dunmire (2005, 2000), por exemplo, examinam o papel da construção da temporalidade em gêneros que envolvem a construção do futuro. Estudos ilustrativos de práticas típicas em disciplinas incluem Winsor (2000, 1999), Bazerman (2000), Myers (2003) e Fahnestock e Secor (1991).

O que é a Análise do Discurso?

Os linguistas que se referem a si mesmos como analistas do discurso exploram aquilo que pode ser aprendido sobre a linguagem e sobre os falantes ao estudarem a língua em uso. De encontro aos linguistas gerativistas da tradição de Chomsky, os analistas do discurso examinam os textos escritos, ou transcrições de discursos falados ou o discurso gestual, em vez de confiarem em suas próprias intuições a respeito das possibilidades gramaticais. Estão interessados na estrutura e função dos trechos de fala ou de texto que são maiores do que uma frase, e em como a estrutura das frases é influenciada por seu funcionamento nos contextos linguísticos e sociais em que estão inseridos. Por "discurso", querem dizer instâncias reais de conversação, de escrita, ou de comunicação linguística em qualquer que seja a mídia.

Alguns analistas de discurso tentam explicitamente ligar características do discurso, tomado nesse sentido, com aspectos

que estudiosos da tradição foucaultiana chamam "discursos": circulação de conjuntos de idéias e práticas sociais que podem incluir modos de fala. Outros têm objetivos diferentes. Alguns estão interessados nos tipos de questões em relação às quais os linguistas têm sempre se perguntado: como a linguagem é representada na mente, como a produção e interpretação do discurso podem ser melhor modeladas, como a língua muda e é adquirida etc. Outros, ainda, exploram as ligações entre os fenômenos discursivos e sociais em uma ampla variedade de contextos, incluindo a comunicação institucional, a construção discursiva da identidade e da memória, o discurso político, o comportamento organizacional, a comunicação em família etc.

Com outras vertentes da linguística contemporânea, a Análise do Discurso tem raízes históricas na Filologia do século XIX, ou seja, no estudo diacrônico (histórico) da língua, visando à exegese dos textos. Atendendo ao apelo de Ferdinand de Saussure (1916) para recentrar o estudo da língua na estrutura sincrônica, as abordagens dominantes da maior parte do século XX trataram dos sons, das frases e proposições, em vez do discurso conectado.

No início da década de 1960, no entanto, os linguistas que trabalhavam em várias tradições intelectuais começaram a convergir na direção de duas ideias sobre o discurso inter-relacionadas: (1) a ideia de que a estrutura de frases e sentenças é modelada, em parte, pela forma como elas funcionam nas conversações e textos; (2) a ideia de que os textos e as conversações são modelados, assim como as sentenças, por padrões reproduzíveis de estrutura que poderiam ser chamados "gramática".

No Reino Unido, M.A.K. Halliday, baseado no trabalho de J.R. Firth, começou a desenvolver uma "gramática sistêmico-funcional" e a questionar como as sentenças se conectam nos textos (HALLIDAY, 1994; EGGINS, 1994). Nos Estados Unidos,

Kenneth Pike e outros linguistas associados ao *Summer Institute of Linguistics* desenvolveram, similarmente, um método de compreensão da estrutura da sentença e do discurso baseado na função, que eles chamaram *gramática tagmêmica* (PIKE, 1967). Ao mesmo tempo, o surgimento da Sociolinguística Variacionista, da Análise da Conversação, da Sociolinguística Interacional e da Etnografia da Comunicação, colocou o discurso ao alcance dos estudantes de mudança da língua, da sociologia da língua e da antropologia linguística (LABOV, 1963, 1972; SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974; TEN HAVE, 1999; GUMPERZ, 1982; GUMPERZ e HUMES, 1972).

Na França, linguistas marxistas começaram a explorar a maneira como a ideologia é construída e revelada por meio do discurso (PÊCHEUX, 1969). Um pouco mais tarde, linguistas, influenciados pela teoria social da escola de Birmingham, trouxeram, à atenção dos anglófonos, uma abordagem crítica semelhante, propondo que o seu objetivo, uma vez que a Análise do Discurso não poderia jamais ser simplesmente descritiva, deveria ser descobrir como o poder circula, normalmente de maneira invisível, no discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 2003; WODAK, 1996, 2005[...]). Essa abordagem, geralmente chamada *Análise Crítica do Discurso*, permanece influente [...].

Recentes trabalhos feitos por analistas do discurso são mais ecléticos; são baseados na pragmática, na sociolinguística, na linguística interacional e em várias correntes da teoria da argumentação, da retórica, da sociologia, da literatura e da antropologia. Muitos analistas de discurso, particularmente aqueles cujas bases disciplinares estão na linguística, continuam interessados principalmente nas questões sobre a linguagem, mas o uso da Análise do Discurso, seja qual for sua definição, como um método de análise sistemático e fundamentado tornou-se cada vez mais interdisciplinar.

Os manuais já não pressupõem que todos os analistas de discurso sejam linguistas; uma formação em Análise de Discurso é oferecida, por vezes, no contexto de programas de "estudos do discurso" em diversas especializações acadêmicas; revistas como *Discourse Studies*, *Discourse in Society*, *Discourse and Communication* e *Text and Talk* publicam os trabalhos de pessoas de variadas filiações disciplinares.

Uma abordagem heurística do discurso

As análises de discurso ilustradas nos capítulos de *Rhetoric in Detail* partem do trabalho de A.L. Becker (1995, ver também JOHNSTONE, 2008). Iniciamos nosso trabalho com uma técnica heurística, partimos de uma abordagem particularista, interpretativa mas sistemática, para descobrir por que um texto dado é como ele é. Analistas do discurso trabalham com material de vários tipos, incluindo transcrições de interações gravadas em áudio ou filme, documentos escritos, textos transmitidos por meio da tradição oral, como provérbios e reproduções de comunicação *on-line*.

O material desses analistas, por vezes, é unicamente verbal e, às vezes, inclui fotografias, gestos, olhares e outras modalidades. Mas independentemente do tipo de discurso considerado, a questão de base que um analista de discurso se põe é: "Por que esse trecho do discurso é do jeito que é? Por que não há outra maneira? Por que essas palavras particulares e nessa ordem particular?"

Para responder a essas questões, nós precisamos, obviamente, pensar a respeito do que é o nosso "texto", visto que, evidentemente, o que uma pessoa fala tem influência sobre o que é dito e como é dito. Nós precisamos pensar, também, na pessoa que falou, escreveu ou assinou, que é considerada, em seu particular contexto sócio-cultural, responsável pelo que diz; quem era o público-alvo pretendido e quem eram os

ouvintes ou leitores reais, porque os participantes de uma situação e como seus papéis são definidos influenciam, claramente, o que é dito e como é dito. Nós precisamos pensar a respeito do que motivou o texto, em que medida ele se encaixa no conjunto de coisas que as pessoas, em seus contextos, convencionalmente fazem com o discurso, e que meio (ou meios) de produção tem a ver com o que ele é. Precisamos pensar a respeito da linguagem empregada, sobre aquilo que a linguagem encoraja os oradores e os escritores a fazer, e naquilo que é relativamente difícil de fazer com essa linguagem. Precisamos pensar sobre a estrutura do texto e como ele se encaixa em estruturas maiores de conjuntos de textos e de interações.

Podemos dividir essas questões que precisam ser feitas a respeito de um texto em seis grandes categorias. Cada uma dessas categorias corresponde a uma das maneiras em que os contextos modelam os textos e vice-versa. Cada um desses aspectos de construção de texto é tanto uma fonte de coerção - razão pela qual os textos são tipicamente de certas formas e não de outras -, quanto uma fonte de criatividade em que oradores, signatários e escritores se expressam pela manipulação dos modelos que se tornaram convencionais.

- O discurso é modelado pelo mundo e modela o mundo.
- O discurso é modelado pela linguagem e modela a linguagem.
- O discurso é modelado pelos participantes e modela os participantes.
- O discurso é modelado por discurso anterior e modela as possibilidades de discurso futuro.
- O discurso é modelado por seu meio de difusão e modela as possibilidades de seu meio de difusão.
- O discurso é modelado por seu propósito e modela os propósitos possíveis.

Figura 1: Como o discurso é modelado e modela seu contexto

A figura 1 lista esses seis aspectos de modelagem de textos. Essas seis observações sobre o discurso constituem uma heurística de exploração sistemática daquilo que é potencialmente interessante e importante a respeito de um texto ou de um conjunto de textos. *Heurística* é um conjunto de procedimentos de descoberta para aplicação sistemática, ou um conjunto de temas a serem levados em consideração sistematicamente.

Contrariamente aos procedimentos de um conjunto de instruções, os procedimentos de uma heurística não precisam ser seguidos em uma ordem específica, e não há uma maneira fixa de segui-los. Uma heurística não é um conjunto de etapas mecânicas, e não há garantia de que seu uso resulte em uma única e definitiva explicação.

Uma boa heurística baseia-se em várias teorias e não em uma única. A heurística que nós utilizamos aqui força-nos a pensar, por exemplo, em como o discurso é modelado pelas ideologias que fazem circular o poder na sociedade, mas isso força-nos também a pensar sobre como o discurso é modelado pelas memórias de discursos anteriores das pessoas, tanto quanto pelas outras fontes de criatividade e coerção.

Podemos acabar decidindo, em cada projeto particular, que a abordagem mais útil será aquela que nos dá maneiras de identificar como a ideologia circula por meio do discurso, ou aquela que nos ajuda a descrever a "intertextualidade", ou aquela que ajuda a descobrir as relações entre o texto e seu meio de difusão, a linguagem empregada, ou os objetivos de seus produtores ou suas relações sociais.

A heurística é um primeiro passo da análise que ajuda o analista a perceber quais são os tipos de teorias necessárias para conectar as observações particulares a respeito do discurso, feitas quando se usa a heurística, a afirmações gerais sobre a linguagem, a vida humana ou a sociedade. É uma forma de fundamentar a análise do discurso no discurso,

em vez de partir de uma teoria pré-selecionada e utilizar textos para testar ou ilustrar a teoria.

Situando a heurística na teoria retórica

Cada um dos seis elementos da nossa heurística analítica baseia-se em um corpo de pensamento sobre a linguagem e a comunicação que, pelo menos em parte, já é familiar aos retóricos. A alegação de que os textos e suas interpretações, ao mesmo tempo, são modelados pelo mundo e modelam o mundo está enraizada na retórica e na teoria linguística sobre o papel da referência na produção e interpretação do discurso. O discurso nasce do mundo ou dos mundos que se presume existir fora do discurso, dos mundos dos produtores e intérpretes de textos.

Não importa se um discurso é ou não considerado alguma coisa, é relevante a maneira como ele será interpretado. O discurso que for tido como aquele que não se refere a nada poderá ser entendido como sem sentido ou louco; ele pode ser o resultado de um experimento linguístico, como o do dadaísmo na poesia; pode ser exigido em um ritual. A tradição do pensamento ocidental sobre a linguagem tende a privilegiar o discurso referencial e a imaginar que o discurso (pelo menos idealmente) reflete o mundo pré-existente. Entretanto, como os filósofos do século XX (FOUCAULT, 1980), retóricos (BURKE, 1945) e linguistas (SAPIR, 1949, WOLF, 1941) mostraram-nos mais de uma vez, o inverso também é verdadeiro, ou talvez o mais verdadeiro: os mundos humanos são modelados pelo discurso.

Quando nós apontamos o modo como os textos e suas interpretações são modelados pelos recursos estruturais que estão disponíveis, nós estamos apontando para o fato (bem conhecido por retóricos interessados em estilo e disposição) que existem formas convencionais de estruturar textos em todos os níveis. Falar uma língua, como o inglês ou o coreano, significa usar meios convencionais de

estruturar sílabas (uma nova palavra inglesa pode começar com *pri*, mas não com *ngi*), palavras (o *-s*, que mostra que uma palavra inglesa está no plural, vem depois da raiz e não antes), frases (nas frases declarativas em inglês, o sujeito normalmente precede o predicado).

Da mesma forma, existem maneiras convencionais de estruturar unidades maiores do discurso, algumas culturalmente específicas e outras resultantes do processo de cognição humana. Elas incluem maneiras de se mover, como por exemplo, da informação familiar à nova informação, do exemplo para a reivindicação geral, ou da reivindicação geral para o exemplo, ou mesmo da questão para a resposta.

A afirmação de que o discurso é modelado pelas relações interpessoais dos participantes e de que ele auxilia a modelar essas relações deve evocar os modos tradicionais de pensar sobre o auditório e o *ethos* retórico, bem como os novos modos de pensar sobre como as posições e papéis dos falantes são mutuamente modelados e capacitados no contexto de estruturas maiores de poder.

As relações interpessoais conectadas ao discurso incluem as relações entre oradores e escritores, auditórios, e *overhearers*², que estão representados nos textos, como também as relações existentes entre eles na produção e interpretação de textos.

A próxima observação quanto à heurística, segundo a qual o discurso é modelado pelas expectativas criadas pelo discurso familiar e as novas instâncias de discurso nos ajudam a modelar nossas expectativas sobre o discurso futuro, deve também ser familiar aos retóricos envolvidos com as teorias contemporâneas sobre gênero (MILLER, 1984; SWALES, 1990) e intertextualidade (BAKHTIN, 1986).

² Ouvintes não ratificados dos quais o orador tem consciência; ouvintes-terceiros.

As relações intertextuais capacitam as pessoas a interpretar as novas instâncias de discurso em referência às atividades e categorias familiares de estilo e forma. Os usos do discurso são tão variados quanto as culturas humanas, mas as atividades, muitas vezes repetitivas que envolvem o discurso, dão origem a modos relativamente fixos de procedimentos que frequentemente incluem maneiras de falar e tipos de textos, relativamente fixos e rotineiros.

Especialistas em retórica visual (HANDA, 2004; PRELLI, 2006) e outros interessados na multimodalidade (HODGE e KRESS, 1988; LEVINE e SCOLLON, 2004; SCOLLON e SCOLLON, 2003) devem também ser solidários à alegação de que o discurso é modelado pelas limitações e possibilidades de seus suportes midiáticos e que, por sua vez, as possibilidades das mídias são modeladas por seus usos no discurso. Finalmente, a observação de que o discurso é também modelado por seu propósito está na raiz da disciplina da retórica, assim como a idéia de que o discurso também molda possíveis objetivos deve encontrar ressonâncias em qualquer um que pensa a respeito de como a retórica epidítica ou deliberativa opera em contextos contemporâneos.

Começar a interrogar os textos por meio de todos os modos sugeridos pela heurística significa que a análise parte dos textos e de um modo sistemático de pensar sobre contextos possivelmente relevantes. Isso resulta em uma ampla, multidimensional e "densa" descrição (GEERTZ, 1983). Tendo feito isso, o analista estará na posição de poder focalizar uma ou duas questões, tomando qualquer das diversas abordagens para consubstanciar os detalhes.

Os artigos de *Rhetoric in detail* ilustram algumas dessas abordagens, certas maneiras como a análise linguística do discurso pode prover uma fundamentação, um rigoroso conjunto de métodos analíticos para responder a uma série de perguntas retóricas. Diferentes

autores enfatizam diferentes elementos da heurística. Em cada caso, porém, os autores dão sistemática atenção aos modos como os textos e os discursos são modelados e habilitados, com atenção especial às características estruturais e semânticas de instâncias específicas de texto e fala.

Análise do discurso na pesquisa contemporânea em retórica

Embora muitos críticos retóricos não estejam familiarizados com a Análise do Discurso, eles têm colegas que estão. Especialistas do departamento inglês de retórica e composição têm olhado, durante muito tempo, para a Linguística como uma fonte de ideias e métodos (cf. COOPER e GREENBAUM, 1986; RASKIN e WEISER, 1987). Os composicionistas Barton e Stygall notam que "a Análise do Discurso é base para a empreitada de estudos de composição: cada estudo no campo baseia-se, implícita ou explicitamente, na análise de textos e/ou da fala em seus diversos contextos" (BARTON e STYGALL, 2002, p. 1). A obra de Barton e Stygall reúne trabalhos de linguistas e retóricos (ou de estudiosos que simultaneamente se ocupam dos dois domínios) que têm a ver com a escrita em geral, com a escrita acadêmica, com a escrita como uma segunda língua e com o discurso científico e profissional, além de análises do discurso nas aulas de redação.

O livro de Bazerman e Prior (2004) concentra-se nos métodos para o estudo da escrita, incluindo a Análise do Discurso linguística. Estudantes interessados em análise de texto quantitativo podem se dirigir ao livro de Geisler (2004) e de Kaufer e seus colegas (KAUFER e BUTLER, 2000; KAUFER *et al.*, 2004) que têm desenvolvido um sistema automático de análise de texto baseado em princípios retóricos. A Análise Crítica do Discurso também tem tido ressonâncias entre estudantes de alfabetização (GEE, 2005).

Em departamentos de comunicação norte-americanos, a Análise do Discurso é muitas vezes praticada não pelos retóricos, mas por pessoas que estudam a comunicação interpessoal ou organizacional, o discurso da mídia, ou a argumentação. Etnógrafos da comunicação, como Philipsen (1992) e Carbaugh (2005), praticam a Análise do Discurso, tanto quanto os estudiosos ligados à tradição da “linguagem como interação social”, como Tracy (2002) e Fitch (1998). Jacobs e Jackson (1982) desenvolveram uma teoria da argumentação baseada nos princípios da Análise da Conversação, e a Análise Crítica do Discurso é muito popular em programas de Comunicação. No entanto, as pessoas que consideram os seus trabalhos como crítica retórica ou teoria retórica precisam conhecer ainda uma coleção de artigos que os introduza na Análise do Discurso e que lhes mostre sua utilidade para responder aos tipos de perguntas que fazem. As abordagens da Análise do Discurso que *Rhetoric in detail* oferece e exemplifica destinam-se a ilustrar as muitas maneiras pelas quais uma atenção redobrada e rigorosa quanto à linguagem pode ser produtiva aos especialistas de retórica.

Referências

- ARISTOTLE. **On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse**. Tradução de George A. Kennedy. New York: Oxford UP, 1991.
- ASEN, Robert. A Discourse Theory of Citizenship. In: **Quarterly Journal of Speech**, 90: 2, p. 189-211, 2004.
- BAKHTIN, Michael. **Speech Genres and Other Late Essays**. EMERSON, C. e HOLQUIST, M. (ed.). Austin: University of Texas Press, 1986.
- BARTON, Ellen. Resources for Discourse Analysis in Composition Studies. In: **Style**, 36: (4)575, 2002.
- BARTON, Ellen e STYGALL, Gail. **Discourse Studies in Composition**. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2002.
- BAZERMAN, Charles e PRIOR, Paul (ed). **What Writing Does and How it Does it: An Introduction to Analyzing Texts and Textual Practices**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004.
- _____. **Shaping Written Knowledge: The Genre and Activity of the Experimental Article in Science**. Madison: University of Wisconsin Press, 2000.
- BECKER, A. L. **Beyond Translation: Essays toward a Modern Philology**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- BENSON, Thomas (ed.). **Landmark Essays on Rhetorical Criticism**. Davis, Calif.: Hermagoras Press, 1993.
- BITZER, Lloyd. The Rhetorical Situation. In: **Philosophy and Rhetoric**, 1: 1-14, 1968.
- BITZER, Lloyd e BLACK, Edwin (ed.). **The Prospect of Rhetoric**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1971.
- BROCKRIEDE, Wayne. Trends in the Study of Rhetoric: Toward a Blending of Criticism and Science. In: BITZER, Lloyd e BLACK Edwin (eds.). **The Prospect of Rhetoric**. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1971.
- BURKE, Kenneth. **A Grammar of Motives**. Berkeley: University of California Press, 1945.
- _____. **A Rhetoric of Motives**. Berkeley: University of California Press, 1969.
- CARBAUGH, Donal. **Cultures in Conversation**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005.
- CHARLAND, Maurice. Constitutive Rhetoric: The Case of the People Quebecois. In: **Quarterly Journal of Speech**, 73:133-150, 1987.

CHERWITZ, Richard A. e HIKINS, James W. Climbing the Academic Ladder: A Critique of Provincialism in Contemporary Rhetoric. In: **Quarterly Journal of Speech**, 86: 4, p. 275-385, 2000.

CONLEY, Thomas M. **Rhetoric in the European Tradition**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds.). **Studying Writing: Linguistic Approaches**. Vol. 1, Written Communication Annual. Beverly Hills, Calif.: Sage, 1986.

CORDOVA, Nathaniel. The Constitutive Force of the Catecismo del Pueblo in Puerto Rico's Popular Democratic Party Campaign of 1938-1940. In: **Quarterly Journal of Speech**. 90: 2, p. 212-233, 2004.

DEMMO, Anne. Sovereignty Discourse and Contemporary Immigration Politics. In: **Quarterly Journal of Speech**, 91:3, p. 291-311, 2005.

DUNMIRE, Patricia L. Preempting the Future: Rhetoric and Ideology of the Future in Political Discourse. In: **Discourse and Society**, 16: 4, p. 481-513, 2005.

_____. Genre as Temporally Situated Social Action: a Study of Temporality and Genre Activity. In: **Written Communication**, 17:1, p. 93-138, 2000.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London and New York: Pinter, 1994.

FABER, Brenton. Creating Rhetorical Stability in Corporate University Discourse. In: **Written Communication**, 20: 4, p. 391-425, 2003.

FAHNESTOCK, J. e SECOR, M. The Rhetoric of Literary Criticism. In: BAZERMAN, C. e PARADIS, J. (eds.). **Textual Dynamics of the professions: Historical and Contemporary Studies of Writings in Professional Communities**. Madison: University of Wisconsin Press, p. 76-96, 1991.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and Social Change**. Cambridge UK: Polity, 1992.

_____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings, 1972-1977**. C. Gordon (ed.). New York: Pantheon, 1980.

FITCH, Kristine. **Speaking Relationally: Culture, Communication and Interpersonal Connections**. London: Guilford Press, 1998.

GEE, James Paul. **An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method**. 2nd ed. London: Routledge, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology**. New York: Basic Books, 1983.

GEISLER, Cheryl. **Analyzing Streams of Language: Twelve Steps to the Systematic Coding of Text, Talk, and Other Verbal Data**. New York: Pearson Longman, 2004.

GROSS, Alan G. e KEITH, William M. (eds.). **Rhetorical Hermeneutics: Invention and interpretation in the Age of Science**. Albany: State University of New York Press, 1997.

GUMPERZ, John J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____; HYMES, Dell Hymes (eds.). **Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication**. New York: Holt Rinehart Winston, 1972.

HABERMAS, Jürgen. **Structural Transformation of the Public Sphere**. Tradução de Thomas Burger. Cambridge, Mass: MIT Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HANDA, Carolyn (ed.). **Visual Rhetoric in a Digital World: a Critical Sourcebook**. Boston: Bedford/St. Martins, 2004.

HAUSER, Gerard. **Vernacular Voices: The Rhetoric of Publics and Public Spheres**. Columbia: University of South Carolina Press, 1999.

HERNDL, Carl; FENNELL, Barbara; MILLER, Carolyn. Understanding Failures in Organizational Discourse: The Accident at Three Mile Island and the Shuttle Challenger Disaster. In: BAZERMAN, Charles e PARADIS, James (eds.). **Textual Dynamics of the Professions**. Madison: University of Wisconsin Press, p. 279–30, 1991.

HILLOCKS JR., George. Interpreting and Counting: Objectivity in Discourse Analysis. In: SMAGORINSKY, Peter (ed.). **Speaking About Writing: Reflections on Research Methodology**. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications, p. 185-204, 1994.

HODGE, Robert e KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. Cambridge, UK: Polity, 1988.

HODGES, Elizabeth. What's all this Talk I Hear?: Using Sociolinguistic Analysis to Locate and Map Themes in Teacher/Student Talk About Writing. In: SMAGORINSKY, Peter (ed.). **Speaking About Writing: Reflections on Research Methodology**. Thousand Oaks: Sage Publications, p. 225-246, 1994.

JACOBS, Scott e JACKSON, Sally Jackson. Conversational Argument: a Discourse Analytic Approach. In: COX, J.R. e WILLARD, C.A. (eds.). **Advances in Argumentation Theory and Research**. Carbondale and Edwardsville, Ill.: Southern Illinois University Press, 1982.

JOHNSTONE, Barbara. **The Linguistic Individual: Self-Expression in Language and Linguistics**. New York: Oxford UP, 1996.

_____. **Discourse analysis**. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2008.

KAUFER, David S. e BUTLER, Brian S. **Designing Interactive Worlds with Words: Principles of Writing as Representational Composition**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000.

KAUFER, David S.; ISHIZAKI, Suguru; BUTLER, Brian; COLLINS, Jeff. **The Power of Words: Unveiling the Speaker and Writer's Hidden Craft**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004.

LABOV, William. The Social Motivation of a Sound Change. In: **Word**, 19, p. 237-309, 1963.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEFF, Michael. Tradition and Agency in Humanistic Rhetoric. In: **Philosophy and Rhetoric**, 36: 2, p. 135-147, 2003.

LEVINE, Philip e SCOLLON, Ron (eds.). **Discourse and Technology: Multimodal Discourse Analysis**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2004.

MACDONALD, Susan Peck. Prose Styles, Genres, and Levels of Analysis. In: **Style**, 36:4, p. 618-39, 2002.

MILLER, Carolyn. Genre as Social Action. In: **Quarterly Journal of Speech**, 70, p. 151-167, 1984.

MYERS, Greg. Discourse Studies of Scientific Popularization: Questioning the Boundaries. In: **Discourse Studies**, 5:2, p. 265-279, 2003.

NOTHSTINE, William L.; BLAIR, Carole; COPELAND, Gary A. Invention in Media and Rhetorical Criticism: A General Orientation. In: NOTHSTINE, William L.; BLAIR, Carole; COPELAND, Gary A. (eds.). **Critical Questions: Invention, Creativity, and the Criticism of Discourse and Media**. New York: St. Martin's Press. 3-14, 1994.

PÊCHEUX, M. **Analyse Automatique du Discours**. Paris: Dunod, 1969.

PERELMAN, C. e Olbrechts-Tyteca, L. **The New Rhetoric**: a Treatise on Argumentation. Traduzido por John Wilkinson e Purcell Weaver. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 1969.

PHILIPSEN, Gerry. **Speaking Culturally**: Explorations in Social Communication. Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1992.

PIKE, Kenneth L. **Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior**. The Hague: Mouton, 1967

PRELLI, Larence J. (ed.). **Rhetorics of Display**. Columbia: University of South Carolina Press, 2006.

RASKIN, Victor e WEISER, Irwin (eds.). **Language and Writing**: Applications of Linguistics to Rhetoric and Composition. Norwood, N.J.: Ablex, 1987.

SACKS, Harvey; SCHEGOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turntaking for Conversation. In: **Language**, 50, p. 696-735, 1974.

SAPIR, Edward. **Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture, and Personality**. D. G. Mandlebaum, ed. Berkeley: University of California Press, 1949.

SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1916.

SCHIAPPA, Edward; GROSS, Alan G.; McKERROW, Raymie E.; SCOTT, Rober L. Rhetorical Studies as Reduction or Redescription? A Response to Cherwitz and Hikins. In: **Quarterly Journal of Speech**, 88:1, p. 112-120, 2002.

SCOLLON, Ron e SCOLLON, Suzie Wong. **Discourses in Place: Language in the Material World**. London: Routledge, 2003.

SPERLING, Melanie. Discourse Analysis of Teacher-Student Writing Conferences: Finding the Message in the Medium. In: SMAGORINSKY, Peter (ed.). **Speaking About Writing**: Reflections on Research Methodology. Thousand Oaks: Sage Publications, p. 205-224, 1994.

SIMONS, Herbert W. The Globalization of Rhetoric and the Argument from Disciplinary Consequence. In: **Poroi**, 2:2, 2003. URL: <http://inpress.lib.uiowa.edu/poroi/papers/simons031101.html>.

_____. A Dilemma-Centered Analysis of Clinton's August 17th *Apologia*: Implications for Rhetorical Theory and Method. In: **Quarterly Journal of Speech**. 86: 4, p. 438-453, 2000.

STRAUSS, Susan e XIANG, Xuehua. The Writing Conference as Locus of Emergent Agency. In: **Written Communication**, 23: 4, p. 355-396, 2006.

SWALES, John M. **Genre Analysis**: English in Academic and Research Settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEN HAVE, P. **Doing Conversation Analysis**: A Practical Guide. London: Sage Publications, 1999.

TRACY, Karen. **Everyday Talk**: Building and Reflecting Identities. London: Guilford, 2002.

_____. Discourse Analysis in Communication. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden, MA: Blackwell Publishers, p. 725-750, 2001.

VATZ, Richard E. The Myth of the Rhetorical Situation. In: **Philosophy and Rhetoric**, 6, p. 154-161, 1973.

WATTS, Eric King. 'Voice' and 'Voicelessness' in Rhetorical Studies. In: **Quarterly Journal of Speech**, 87:2, p. 179-196, 2001.

WINSOR, Dorothy. Ordering Work: Blue-Collar Literacy and the Political Nature of Genre. In: **Written Communication**, 17:2, p. 155-84, 2000.

_____. Genre and Activity Systems: The Role of Documentation in Maintaining and Changing Engineering Activity Systems. In: **Written Communication**, 16.2, p. 200-24, 1999.

EISENHART, Christopher; JOHNSTONE, Barbara. Análise do discurso e estudos retóricos. Trad. Kelly Cristina de Oliveira e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.4, p. 112-126, jun.2013.

WHORF, Benjamin Lee. The Relation of Habitual Thought and Behavior to Language. In: SPIER, L (ed.). **Language, Culture, and Personality: Essays in Memory of Edward Sapir**. Menasha, WI: Sapir Memorial Publication Fund, 1941.

WODAK, Ruth. **Disorders of Discourse**. London: Longman, 1996.

_____. **A New Agenda in (Critical) Discourse Analysis**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2005.

YOUNG, Richard E.; BECKEER, Alton L.; PIKE, Kenneth L. Pike. **Rhetoric: Discovery and Change**. New York: Harcourt, Brace, and World, 1970.

YOUNG, Richard E. e LIU, Yameng (eds.). **Landmark Essays on Rhetorical Invention in Writing**. Davis, Calif.: Hermagoras Press, 1994.

Tradução:

Kelly Cristina de Oliveira.

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: kelly_cristina_oliv@yahoo.com.

Moisés Olímpio Ferreira.

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.
E-mail: moisesolim@usp.br